

O UNIVERSO SONHANDO: INVESTIGAÇÕES NO TERRITÓRIO ENTRE A CONSCIÊNCIA E A MATÉRIA

Por: Fred Alan Wolf

"Um extremo é a idéia de um mundo objetivo, perseguindo o seu curso rotineiro no espaço e tempo, independente de qualquer tipo de indivíduo observador; isto foi a imagem-guia da ciência moderna. Do outro extremo, está a idéia de uma pessoa, misticamente experienciando a unidade do mundo e não mais confrontada por um objeto ou mundo objetivo; isto tem sido a imagem-guia do misticismo asiático. O nosso pensamento situa-se em algum lugar entre essas duas conceitualizações limitadoras; temos de manter a tensão resultante destes dois opostos."

Werner Heisenberg.

Existe um território intermediário da experiência humana e animal que jaz na penumbra, situado a meio caminho entre a mente consciente na sua consciência desperta aqui, e o mundo físico, que todos consideramos como real e lá fora. Embora Heisenberg na citação acima apenas se refira a uma "tensão" existindo entre o mundo interno do indivíduo e o mundo externo do objeto, talvez estivesse se referindo a uma nova visão conceitual do universo da mente e da matéria, baseada na física quântica. Irei referir-me a este conceito como o "campo imaginal" e explicar o que isto apresenta em conexão com o universo sonhando.

Henri Corbin, famoso estudioso do Islão, foi o primeiro europeu a utilizar o termo campo imaginal (1). Na sua visão, este campo é ontologicamente real, como sugerem minhas pesquisas dentro do campo do xamanismo (2) e sonhos, podendo ser mais real do que a realidade que normalmente percebemos. Entretanto, é uma realidade que geralmente existe situada além de nossa percepção normal, embora apareça-nos na forma de sonhos ou outros fenômenos relacionados, tais como a experiência de quase morte e possivelmente, raptos por UFOS (3).

Por mais moderno que este conceito de realidade possa nos parecer, os aborígenes Australianos afirmam ter uma memória deste campo que vem de 150.000 anos atrás (4). Chamam a esta memória, de Tempo de Sonho que, ao seu ver, contém todo o passado, presente e futuro. Deste campo, o mundo da mente, matéria e energia tem suas origens. E tudo isto surgiu, ha muito tempo atrás, como um sonho do Grande Espírito. Desta maneira, o pensamento aborígene sugere que o universo ou Deus, está sonhando a existência de tudo aquilo que experienciamos e que este sonho apresenta um elemento mitológico definido, ou como colocaria C.G. Jung, um elemento arquetípico.

Porquanto as culturas ocidentais possam vir a lembrar-se, sempre houve uma profunda fascinação com os sonhos. Eles foram considerados como possuindo poder divinatório ou de antever o futuro; também foram considerados como um redespertar de memórias do passado e mesmo, de vidas passadas. Muitas culturas acreditam que durante o sonho, a alma abandona o corpo e viaja a outros muitos. Realmente, a Bíblia nos recorda dos sonhos proféticos de José. Temos ainda os sonhos que se diz conferirem poderes criativos ao sonhador. Temos apenas de pensar nos sonhos do poeta-filósofo William Blake para lembrarmos do poder profético e criativo do sonho.

Recentemente surgiu um grande interesse em sonhos lúcidos (5). Estes são bastante diferentes dos sonhos ordinários, em conteúdo e experiência. Suas características distintas são a consciência que se está sonhando enquanto o sonho prossegue e os detalhes vividos que se pode recordar depois deste. Também se pode sentir uma espécie de controle dos eventos no decorrer do sonho lúcido. (Faço uso desta expressão porque em meus próprios sonhos lúcidos, o indivíduo sonhando sente-se diferente da pessoa desperta normal de várias maneiras, embora ao mesmo tempo sei que sou eu, também. A diferença mais marcante é a percepção de estar dividido em duas mentes conscientes: a pessoa adormecida, em casa na cama e a pessoa experienciando o sonho, sabendo o tempo todo que está em casa, na cama). Ao despertar temos a recuperação imediata do sonho.

Recentemente tive a oportunidade de entrevistar pessoas que não somente apresentavam sonhos lúcidos mas que, aparentemente, eram também capazes de despertarem, noite após noite, num mundo paralelo onde apresentavam uma vida contínua, num corpo diferente. (Eu mesmo tive essa experiência, assim como sonhos lúcidos ordinários).

Pretendo aqui apresentar um modelo dos sonhos e, possivelmente, de outras experiências de outro mundo baseado na física quântica, na existência do campo imaginal e no aparecimento de imagens holográficas no cérebro humano. Desejo sugerir que o cérebro é algo como um receptor sensível capaz de se sintonizar com este campo intermediário assim como com aquele que chamamos de este mundo. Irei fazer uso do termo sonhar implicando uma ampla gama de experiências sensoriais que aparentemente existem ou são experienciadas sem a intermediação de um componente objetivo óbvio, incluindo os sonhos ordinários, sonhos lúcidos, experiências fora do corpo, xamânicas e de UFOS, assim como outras. Não tentarei descrever como estas experiências diferem entre si, mas irei sugerir não somente como os sonhos e outras experiências extra-mundanas ocorrem, mas também como é que o cérebro sonhando e o consciente desperto estão atuando. Irei tentar explicar tanto a consciência normal quanto a do mundo dos sonhos, a partir de um novo ponto de visão, psico-quântico.

O ponto crucial de minha argumentação se apoia na existência deste campo intermediário do qual nascem tanto a consciência ordinária quanto a do sonho. Desejo sugerir que a vida que vivemos, pensamentos e sentimentos que possuímos e mesmo, o próprio mundo da matéria e energia, nascem deste campo imaginal. Desejo também sugerir que aquilo que chamamos de sonhos são imagens que emergem deste campo através de um mecanismo holográfico, envolvendo ondas quânticas de informação que nascem tanto no passado como no futuro.

O QUE É O CAMPO IMAGINAL?

Embora o campo imaginal possa sugerir muitas coisas dependendo dos interesses e educação da pessoa, desejo fornecer uma definição deste baseada na física quântica. É um espaço e tempo que é, como a zona do Além da Imaginação de Rod Sterling, o campo da imaginação.

Ainda assim, imaginação não é realmente a palavra correta para descrever este algum lugar. Isto porque dele surge tudo que subjetivamente existe no interior de nossas percepções - nossos pensamentos, sentimentos, sensações, o espaço físico, tempo e mesmo a matéria. Para compreender isto e sermos capazes de ver sua relevância à

experiência do sonho, vamos utilizar a perspectiva de física quântica para observarmos como surge nossa experiência subjetiva do mundo.

Tenho estudado a física quântica por muito tempo e me interessei muito sobre como a consciência e a física quântica se interpenetram (6). Estou especificamente interessado em algo que é bastante bem conhecido na física quântica como o efeito do observador (7). Um sistema quântico geralmente existe numa superposição de estados. Estes estados correspondem aos atributos observáveis e portanto, mensuráveis, de nossa experiência do mundo.

Por exemplo, existem estados correspondentes à localização de objetos físicos. Antes que sejam observados, estes estados existem como ondas-nuvens fantasmagóricas de possibilidades espalhadas ao longo do espaço e tempo, como uma névoa misteriosa. Os físicos chamam a esta névoa de superposição de ondas quânticas.

Subitamente, com a percepção, observação ou cognição, esta multidão de estados torna-se um único estado. No jargão, isto é chamado de redução do pacote quântico. Isto significa que uma vez que um determinado estado é conhecido, sua onda de probabilidade deve ser singular, pontuda num determinado lugar e tempo ao invés de ser difusa e espalhada pelo espaço e tempo. Quando esta ponta ocorre na onda, o objeto assume um aparecimento físico e o observador daquele objeto tem uma experiência cognitiva.

Mas ninguém sabe como essa súbita realidade pontuda aparece. Não existe nada dentro da própria física quântica que prediga esta ocorrência. Esta súbita ponta de realidade constitui a base do Princípio de Incerteza de Heisenberg e deu origem a muitas interpretações diferentes, todas, exceto uma, exigindo a existência de sistemas de crença metafísica situados fora do campo da física quântica. A única exceção é talvez a menos aceitável, embora seja a única que permanece dentro dos limites da física quântica. Ela diz que o colapso pontudo não acontece. Esta visão é chamada de interpretação multi-mundos da mecânica quântica e diz, claramente, que todas as possibilidades existem simultaneamente. Elas existem agora, existem antes e depois, como um entremear fantasmagórico de seqüências de histórias de eventos que se estendem para trás ao início do tempo e para a frente, até o seu fim. Essa visão de possibilidades entremeadas assemelha-se ao conceito aborígine do Tempo de Sonhos e do campo imaginal de Corbin. Gostaria de salientar que estas são a mesma coisa vista a partir de bases culturais e intelectuais diferentes.

Nessa visão de mundos paralelos entremeados, as ondas quânticas movem-se imaginalmente, como se o tempo nada mais fosse do que uma dimensão do espaço. Não existe uma seta do tempo presente. O que foi passado e irá ser no futuro são visto como nada mais significativo do que aquilo que se situa à direita ou esquerda da nossa localização no espaço. Assim, fala-se do passado e do futuro como existindo do momento presente, agora. Dada esta interpretação, como é que a experiência do mundo, seja como consciência sonhando ou desperta, surge?

MENSAGENS DO CÉREBRO HOLOGRÁFICO

Como é que somos capazes de experienciar algo, seja proveniente de nossos sistemas nervosos e cérebros ou do mundo externo ou de algo que aparentemente é gerado no

cérebro, como um sonho criado ao dormir? Como é que nasce a consciência? Deixem-me sugerir uma resposta. Estou especulando, é lógico, mas acredito que nosso atual conhecimento sobre as imagens holográficas pode nos guiar.

Os hologramas são construídos a partir de ondas de luz interferindo entre si e deixando suas marcas num material fotossensível plano ou bidimensional. Essas ondas provêm de duas fontes: uma fonte de luz coerente e do reflexo dessa onda por um objeto físico. Quando a luz dessas duas fontes é absorvida pelo material fotossensível, um padrão de interferência é registrado. Mesmo que este registro seja feito sobre uma superfície plana, quando uma fonte de luz ilumina o holograma, uma imagem tridimensional deste aparece.

A percepção da realidade tal como acontece em nossos cérebros e sistema nervoso é, como acredito, uma seqüência de hologramas seguindo-se uns aos outros à medida que a experiência ocorre no tempo. No cérebro, ondas quânticas estão produzindo eventos e também são, simultaneamente, a percepção e iluminação daqueles eventos. Assim é criado um holograma no cérebro.

Existem alguns elementos, tanto do processo de construção do holograma como do campo imaginal que tornam essa hipótese mais defensável. Por exemplo, dados obtidos pelo fisiologista ganhador do prêmio Nobel, Georg von Bekesy, indicaram que indivíduos privados de seu sentido de visão iriam sentir sensações num espaço onde nenhuma parte de seus corpos estava presente. Colocou vibradores nos joelhos de pessoas e lhes pediu para abrirem as pernas. À medida que a frequência vibratória era alterada, a sensação parecia pular de um joelho a outro e depois, em certas frequências, parecia provir de um espaço situado entre os dois joelhos. As vibrações produziram padrões de interferência no cérebro do indivíduo e assim recriaram holograficamente uma experiência de realidade objetiva.

A sensação de sentir algo lá fora no espaço, quando o sentido visual é ocluído não é mais misteriosa do que a sensação de ver algo lá fora na visão normal. A visão surge holograficamente da mesma maneira que as sensações de percepção surgem. Assim, acredito, o conceito holográfico explica como recriamos não somente a realidade visual, mas todas as sensações da realidade. Reconstruímos a realidade ao produzirmos um holograma visual, de áudio e sensorial em nossos cérebros. Ninguém sabe exatamente o que existe lá fora.

Com isto, temos de encarar dois problemas óbvios: 1- onde se situa o indivíduo? e 2- onde é criado o objeto? Deixem-me focalizar a experiência visual na tentativa de responder essas perguntas. Descobrimos que responder uma é responder a outra.

ONDE ESTÁ O SEU 'EU', SUA ALTEZA?

Onde a visão se estabelece e onde o observador existe são coisas extremamente difíceis de discutir. Quase todo o mundo que falou sobre o observador nos sonhos ou sobre este assunto na vida ordinária irá encontrar alguma dificuldade com aquilo que irei colocar aqui.

Onde está a pessoa que vê o holograma construído dentro do cérebro? Onde está aquele homúnculo sentado no interior do cérebro e olhando o espetáculo? Em toda minha

pesquisa, ainda tenho de encontrar a localização daquele observador da realidade dentro do cérebro ou do sistema nervoso. Assim, mesmo o mundo objetivo pareceria estar perdendo seu apelo como realidade verdadeiramente objetiva, uma vez que depende tão intensamente do subjetivo.

E com relação ao subjetivo? Assim como o "verdadeiro" objetivo, tal como a face do gato em Alice no País das Maravilhas, que parece desaparecer, sou levado a concluir que, mesmo no caso de algo subjetivo, não existe nada lá fora. Não existe a pessoa. Como ensinou o Buda, não existe o eu, nenhum tempo, nada é real. O uso que o Francês faz da palavra *personne* é para implicar ninguém. Não acho que exista uma testemunha, qualquer observador fundamental presente, por mais estranho que isto possa parecer. É uma ilusão. Mas se for assim, então o que está acontecendo? Não me compreendam mal. Existe algo acontecendo, mas não é aquilo que lhe parece, porque na realidade você não existe.

O NASCIMENTO DA EXPERIÊNCIA

No mapa de mundo da física clássica, toda a experiência está representada por seqüências de eventos. Todos os eventos são descritos por três atributos: massa ou energia, espaço e tempo. Aqui jaz o problema. Isto porque um evento não pode ser verdadeiramente descrito desta maneira. A razão disto é sutil e nada tem a ver com a natureza da física quântica - particularmente o papel do observador na criação das possibilidades das atualizadas que constituem a experiência.

Na versão multimodal da física quântica, o observador, ao observar, é acoplado à coisa observada. Antes que seja observado, um sistema existe como uma mistura de um número infinito de estados possíveis. Quando o observador ingressa no jogo, ele ou ela na realidade observam cada um daqueles estados, embora cada um exista num mundo diferente. O observador é pego por aquilo que é observado e pareado com este num dado mundo. Assim, quando um observador observa um elétron na posição A num átomo, o elétron parece estar afixado naquela posição. Mas as outras posições possíveis do elétron não deixam de existir. Existe ainda um observador, observando o mesmo elétron na posição B - mas num mundo diferente.

Assim, não acontece que as outras possibilidades de nuvens-ondas fantasmagóricas subitamente se dissipem enquanto que uma delas se materializa, mas sim que todas as possibilidades estão presentes e o observador está acoplado a cada uma delas. Em cada mundo, onde exista um atributo físico, existe um observador observando aquele valor para aquele atributo. No modelo holográfico cerebral que estou colocando, o observador ao observar, na realidade passa a fazer parte do holograma. O observador assim é transformado pelo seu ato de experienciar.

O observado e o observador são a mesma coisa, ao mesmo nível de um holograma vivente situado dentro do cérebro. Ainda assim, os hologramas ordinários requerem um observador situado fora do holograma. O que faz com que o holograma cerebral seja tão diferente de todos os demais hologramas? A diferença é que o holograma é um constructo tridimensional (3D) - uma película espessa ao invés de fina, provavelmente consistindo da córtex que recobre o velho cérebro. Todos os hologramas laser-ópticos que os humanos construíram atualmente são bidimensionais (2D), bastante bons para recriarem imagens em 3D.

O cérebro, entretanto, é um objeto tridimensional, se parecendo com um tapete espesso, convoluto. Uma vez que hologramas 2D reconstruem imagens 3D, por analogia, um cérebro 3D poderia ser dito como sendo capaz de reconstruir uma imagem tetradimensional (4D). Isto é aquilo que chamo de experiência cognitiva ou sensorial. Estou sugerindo que o tempo, definido por Einstein como a quarta dimensão, é reconstruído pelo holograma cerebral. Mas, se o tempo é um constructo cerebral, então como é que o tempo seria experienciado? A resposta é você.

Essas experiências holográficas no cérebro são como clarões; cuja seqüências de clarões acabam constituindo tanto a origem do tempo como do eu. Os clarões são o desenho e o observador do desenho ao mesmo tempo. Em hologramas 2D normais, temos um observador observando o holograma, que está separado do observador. Nas seqüências 3D, o observador e o holograma são a mesma coisa. Não existe ninguém observando a movimentação interna da córtex cerebral, já que esta é o próprio observador. O eu é a seqüência de eventos daquela movimentação. Assim o eu surge no tempo.

Existe um campo primal do qual tudo isto surge? Diria que sim e o conectaria com o campo imaginal. No campo imaginal não existe nem tempo nem espaço. Mas dele, todas as possibilidades e todos os observadores surgem. Nele o objetivo é experienciado como espaço e o subjetivo como tempo. Isto ocorre porque aquilo que queremos definir como objetivo está lá fora, enquanto que o subjetivo é experienciado no tempo, mas não tem um componente espacial. A física clássica via o tempo como uma dimensão real. A Relatividade começou a ver o tempo como uma dimensão imaginal, mas somente com a teoria quântica é que foi totalmente compreendido como tal.

A montagem das informações sensoriais a partir do campo imaginal cria uma ação no cérebro a que damos o nome de consciência. A consciência do eu dos eventos, nada mais é que o mapeamento da experiência ao longo do tempo. A consciência ordinária ou desperta de eventos, é o mapeamento da experiência no espaço. A consciência no sonho é o mapeamento da experiência no campo imaginal. A consciência desperta e do sonho ocorrem simultaneamente: a consciência do sonho é simplesmente suplantada pela consciência desperta quando estamos despertos e vice-e-versa, quando adormecidos.

Assim, o mundo do espaço, tempo, matéria, energia, pensamento e sensação nascem do campo imaginal. Tanto espaço e tempo emergem como dimensões resolvidas do campo imaginal, registradas pelo holograma cerebral.

O SONHO DO UNIVERSO SONHANDO

As imagens holográficas em 3D são diferentes daquelas em 2D. Uma diferença é que existe um número infinito de imagens da variedade 3D: isto se correlaciona com a teoria da física quântica de multi-mundos. A onda que ilumina o holograma representa todas as possibilidades que podem existir. Na física quântica, o progresso dos possíveis estados do átomo na sua atualização (ou seja, na sua concretização numa realidade "objetiva") nasce de um tipo de duplo movimento: a interferência de padrões de interferência que são produzidas pelas ondas produzidas pelo próprio movimento é que dá origem às probabilidades (Nota do tradutor: na formação de um holograma, se faz uso de um único feixe de luz coerente (laser) que, dividido em dois feixes, um irá ser diretamente registrado na placa fotossensível, enquanto que o outro, irá primeiramente

interagir com o objeto a ser registrado, antes de ser igualmente registrado pela mesma placa fotossensível na forma de padrões de interferência, logo temos um exemplo de um movimento - luz coerente - produzindo uma interferência em si mesmo, isto resultando num holograma 2D.) Estas probabilidades tornam-se caminhos através do espaço e tempo "reais".

O observador está em todos estes caminhos, simultaneamente. Aqueles caminhos que tendem a aproximarem-se entre si em termos de possibilidades, dão origem à nossa consciência ordinária desperta. Aquilo que chamamos de eu nada mais é que a percepção dos caminhos mais comumente trilhados e é onde surge o nosso sentido de escolha. A cada ponto no tempo, existem outros caminhos mais ou menos comuns. Geralmente notamos apenas os caminhos mais prováveis.

Quando é que um sonho é experienciado? Sabemos agora, através do trabalho de J. Allan Hobson (8) e outros, que existe um mecanismo no tronco cerebral que desliga os estímulos provenientes do mundo externo, quando estamos adormecidos. Quando desativamos o fluxo de informações que vem do exterior, apenas a informação residindo no sistema é percebida. Chamamos isto de realidade subjetiva. Durante o sonho, a realidade subjetiva é tudo que podemos experienciar.

Na consciência desperta ordinária, ambas realidades, subjetiva e objetiva estão tentando se impor sobre nosso cérebro. Mas a realidade do sonho é suplantada pela quantidade e intensidade dos estímulos que nos chegam a partir do mundo exterior. Você está sonhando agora. Assim como todos nós. Não percebemos isto normalmente, devido ao acúmulo de informações provenientes do mundo externo, solicitando processamento cerebral. E, enquanto estamos observando o mundo externo, o nosso sentido de ser, assim como o nosso sentido de realidade subjetiva tornam-se difíceis de serem observados (Provavelmente, quando o ambiente torna-se menos sedutor e nos encontramos num estado de aborrecimento, existe uma tendência de registrar melhor este segundo estado de sonho, naquilo que chamamos de sonhar acordado, ou imaginação, nota do tradutor).

Ainda assim, torna-se possível observar o eu sonhando. Durante certas experiências pouco usuais do estado desperto, tais como a iniciação xamânica, indução de transe, meditação e possivelmente, nas experiências que são traduzidas como encontros com UFOS, a porção expandida ou sonhadora do eu do holograma é experienciada. Algo semelhante poderá acontecer durante as sincronicidades. É uma história sem fim. Você poderá observar a testemunha observando a testemunha que observa a testemunha. Podemos seguir em frente pela eternidade, porque existe um número infinito de testemunhas. O processo segue-se pela eternidade, como quando observamos nossas imagens refletidas em espelhos pareados.

Não existe nenhuma pessoa presente. A pessoa é um constructo. Assim que você percebe que é um constructo, imediatamente ingressa num estado de testemunho. Uma vez dentro deste novo estado, você vê que ainda é uma projeção. Uma vez que está num estado de testemunho de si mesmo, fazendo seja aquilo que esteja fazendo no momento do testemunho, verá que isto nada mais passa que outra ilusão. Se você continuar fazendo isso, irá normalmente cavalgando uma seqüência infinita de espelhos, numa aventura que lembra a jornada de Alice através do espelho.

Poderemos interpretar isto como um caminho conduzindo ao Deus-Eu ou ao Espírito Sonhador aborígine australiano original. Também poderemos aceitar que não há nada. Agora, por que sonhamos? Como disse, o sonho em si mesmo é testemunhado quando bloqueamos os estímulos externos. Num sentido mais real, enquanto sonhando, tornamo-nos mais cômicos daquilo que estamos fazendo naquele preciso momento, daquilo que está acontecendo o tempo todo dentro de nosso cérebro: o processamento contínuo das imagens holográficas. Essas imagens, esta contínua reconstrução do holograma é algo vital, se desejamos sobreviver e, mais importante ainda, tornarmo-nos totalmente conscientes.

Aprendi isto nas selvas do Peru, com os xamãs. Fui capaz de ter imagens semelhantes a sonhos enquanto debaixo da influência de ayahuasca. Nessas experiências de sonhos despertos, notei que algumas imagens assemelhavam-se a sonhos lúcidos (sonhos onde a pessoa adormecida possui a consciência de que está sonhando e algum grau de controle sobre os eventos do seu próprio sonho, nota do trad.), embora a maioria das imagens não eram. A lucidez simplesmente acontecia por curtos espaços de tempo, geralmente não mais que alguns segundos, de forma aparentemente casual. No restante do tempo, as imagens eram difusas e algo sem sentido. Os episódios lúcidos sempre ocorriam em cores plenas, com um sentido de presença pessoal na cena, um total senso de realidade permeando a experiência destes momentos. Sentia-me como numa espécie de truque mágico ou espetáculo. Interpretei isto tudo como uma espécie de Disneylândia do cérebro e, por um breve instante, percebi o segredo de como o truque era feito.

O SHOW MÁGICO DO UNIVERSO

"Você também aprendeu o segredo o rio - que não existe algo como o tempo?"

"Sim, Siddhartha, é isto que quer dizer? O rio está em todos os lugares ao mesmo tempo. Na fonte e na foz. Na cascata, no leito, na corrente em movimento e nas montanhas. em todo lugar. O presente apenas existe por si e não a sombra do passado nem a sombra do futuro".

"É isto", respondeu Siddhartha, "E então aprendi que enquanto revia a minha vida, ela também era um rio. Siddhartha o menino, Siddhartha o homem maduro e Siddhartha o velho estavam apenas separados por sombras, não pela realidade."

"As vidas anteriores de Siddhartha também não se encontravam no passado, a sua morte e retorno a Brahma não estavam no futuro. Nada estava, nada estará, tudo tem realidade e presença." (9)

A partir do ponto de partida do espaço, tempo e matéria, as ondas quânticas no cérebro vão para frente e para trás no tempo e criam caminhos neurais a partir dos quais o comportamento habitual nasce. Isto define a estrutura do holograma, no qual todas as imagens são registradas como uma mistura de fato e mito.

O sinal retornando no tempo a partir do futuro tem de correlacionar-se com aquele que vem vindo através do passado. Este é o porquê de não sermos capazes de ver o futuro com facilidade. Estamos mais preocupados com a sobrevivência do que em viver o nosso mito. Chamamos a isto de condicionamento do passado. Este condicionamento

nos impede de ver o futuro. As pessoas que tem essa visão são capazes de iluminar os hologramas do cérebro de uma maneira diferente.

Não podemos mudar com facilidade os caminhos neurais que foram fixados durante períodos críticos de crescimento: não podemos mudar estruturas com facilidade. Este é o porquê da psicologia encontrar tamanha dificuldade com os seus pacientes. Tudo que podemos fazer é perceber que não temos de iluminar o holograma sempre da mesma maneira, sempre que uma situação nova nos surja pela frente. Por exemplo, você está com uma pessoa e percebe que está ficando muito irritado ou irado com algo que ele ou ela lhe disse. Provavelmente, você está revivendo uma reação a um de seus pais quando tinha seis meses de idade e registrou uma reação de ira deste contra você. Quando isto surgir no momento presente, tudo que necessitamos é reconhecer que a ira que estamos sentindo é apenas um mero programa induzido quando éramos bebês; um tipo de lavagem cerebral. Ao mesmo tempo, se aceitarmos a premissa de que não existe nenhuma pessoa no sentido convencional da palavra, temos de aceitar que é o universo que está fazendo as escolhas.

Dada a condição de atemporalidade das ondas quânticas até mesmo vidas passadas poderiam estar atuando nesse reviver holográfico. Essas vidas são carreadas pelas ondas quânticas do universo e são provavelmente percebidas no código de DNA que herdamos de nossos pais. Finalmente, se voltamos para trás no tempo o suficiente, iremos ver que toda a humanidade surgiu de um ou dois ancestrais comuns. O sistema de DNA pode ser visto como uma vasta biblioteca, contendo ondas de informações holograficamente registradas, ou funcionar como um sistema receptor para ondas quânticas que foram construídas para a humanidade.

Poderemos perguntar de onde essas ondas quânticas estão vindo. Neste ponto, é conveniente retornar ao Tempo de Sonhos ou Grande Espírito do pensamento aborígene. Neste ponto, a visão aborígene e do mundo científico começam a se unir; poderemos dizer que as ondas quânticas são as ondas cerebrais do Grande Espírito.

Somos todos feitos do mesmo material. Todos temos acesso à mesma biblioteca. Mesmo nossas conexões com plantas e animais podem ser vistas ao olharmos as semelhanças existentes nas estruturas do DNA e outras moléculas. Somos todos parte de uma grande família. Assim, poderemos ter acesso a memórias de vidas passadas que pareceriam extremamente distantes em comparação à nossa família atual. Assim a individualidade, no sentido de que cada um de nós é uma entidade única é, fundamentalmente, uma ilusão. Almas individuais são construções egoístas do Grande Espírito. Existe apenas uma única alma, um eu. Esse eu, que os aborígenes chamam de Grande Espírito ainda está sonhando. Esse sonho é o universo e é também o sonho do universo. O observador do sonho e o sonho são a mesma coisa. Podemos apenas perguntar o que irá acontecer quando o sonhador despertar.

Referências:

1. Ver Henry Corbin, *Mundus Imaginalis or the Imaginal and the Imaginary* (Ipswich, England: Golgonooza Press, 1976).
2. Fred Alan Wolf, *The Eagle's Quest: A Physicist's Search for Truth in the Heart of The Shamanic World* (New York: Summit Books, 1991).

3. Por exemplo, ver Peter M. Rojcewicz, Signals of Transcendence: The Human-UFO Equation, in Journal of UFO Studies, New Series, Vol 1 (1989), p.111.
4. Por exemplo, ver Jim Pouley, The Secret of Dreaming (Templestowe, Australia: Ren Hen Enterprises, 1988); Peter Sutton, ed., Dreamings: The Art of Aboriginal Australia (Victoria, Australia: Penguin Books, 1988); e Jean A. Ellis, From the Dreamtime: Australian Aboriginal Legends (Victoria, Australia: Collins dove, 1991).
5. Ver Jayne Gackenbach e Jane Bowvel, Control Your dreams: How Lucid Dreams Can Help You Uncover your Hidden Desires, Confront Your Hidden Fears and Explore the Frontiers of Human Consciousness (New York: Harper & Row, 1989) e Setphen LaBerge PhD, Lucid Dreaming: The Power of Being Awake and Aware in Your Dreams (Los Angeles: J.P. Tarcher, 1985).
6. Ver Fred Alan Wolf, The Quantum Physics of Consciousness: Towards a New Psychology, Integrative Psychology, Vol 3 (1985), pp.236-47, e On The Quantum Physical Theory of Subjective Antedating", Journal of Theoretical Biology, Vol 136 (1989), pp.13-19.
7. Fred Alan Wolf, Taking the Quantum Leap: The New Physics for Nonscientists, rev. ed. (San Francisco: Harper & Row, 1981).
8. Para exemplo, ver J. Allan Hobson, The Dreaming Brain (New York: Basic Books, 1989).
9. Hermann Hesse, Siddhartha, Hilda Rossner, trans. (New York: New Directions, 1951).

Fred Alan Wolf é um físico conhecido pelos seus insights sobre as conexões entre a ciência e a consciência. É autor de trabalhos tais como The Eagle's Quest: Taking The Quantum Leap e Parallel Universes. Este artigo foi tomado de seu trabalho The Dreaming Universe que foi publicado pela Summit Books em 1993.

Adaptado de Gnosis Magazine número 22